

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

JOVANIA APARECIDA DA VEIGA

O SACERDÓCIO EM SÃO JOÃO MARIA VIANNEY

Anápolis

2021

JOVANIA APARECIDA DA VEIGA

O SACERDÓCIO EM SÃO JOÃO MARIA VIANNEY

Monografia apresentada à Fundação São Miguel Arcanjo Faculdade Católica de Anápolis como requisito para conclusão do curso de Teologia, orientado pelo professor Me. Pe. Carlito Bernardes.

Anápolis – Go
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOVANIA APARECIDA DA VEIGA

O SACERDÓCIO EM SÃO JOÃO MARIA VIANNEY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do prof. Me. Pe. Carlito Bernardes, com nota avaliativa 10,0.

Data de aprovação: 13/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador

ORIENTADOR

Nome do Convidado

CONVIDADO

Nome do Convidado

CONVIDADO

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus que me capacitou me dando força e sabedoria, para realizar este sonho. Aos meus filhos que me apoiaram nesta jornada e à minha Paróquia Santa Bárbara por todo auxílio prestado.

AGRADECIMENTOS

Ao Bom Deus por ter me concedido a oportunidade de realizar este sonho de desvendar os seus mistérios. A Nossa Senhora por me acompanhar nesta estrada de novos conhecimentos. Ao meu querido São João Maria Batista Vianney que me conquistou com seu exemplo de santidade e intercedeu por mim, fortalecendo-me nos momentos difíceis.

Aos meus filhos Rebeca, Tobias e Amanda que me incentivaram a voltar aos estudos e apoiaram nos momentos fatigantes. Ao Pe. Eduardo mentor de toda esta aventura. Ao meu neto Miguel que chegou para iluminar esta nova fase de minha vida com sua doçura e pureza.

Aos professores pelo empenho e paciência. Aos colegas pelo companheirismo. E a todos os que me ajudaram no decorrer destes quatro anos de busca de conhecimentos.

“Eu Vos amo, Deus infinitamente bom,
e mais quero morrer amando-Vos
do que viver um só instante sem Vos amar.

Eu Vos amo, meu Deus,
e só desejo o Céu para ter a felicidade
de Vos amar perfeitamente.

Eu Vos amo, meu Deus,
e só temo o inferno porque lá nunca haverá
a doce consolação de Vos amar.

Meu Deus,
se a minha língua não puder estar sempre
a dizer que Vos amo,
que o meu coração o diga tantas vezes
como quantas eu respiro.

Senhor, dai-me a graça de sofrer amando-Vos,
de Vos amar sofrendo,
e de um dia expirar amando-Vos
e sentindo que Vos amo.

E quanto mais me aproximo do meu fim,
mais Vos imploro a graça
de aumentar e aperfeiçoar o meu amor.”.

S. João Maria Vianney

RESUMO

A vida espiritual e de sacrifícios de São João Maria Vianney, influenciou e levou milhares de pessoas à conversão e ao encontro com Deus. Sua ação como sacerdote, foi imprescindível para o desenvolvimento e crescimento da Igreja na França na passagem do século XVIII para o XIX, e a evangelização dos cristãos. Sua história, que é fundamentada no amor, na renúncia, será apresentada, pautada na sua vocação, no seu total desprendimento e amor. Foi consideravelmente importante, conhecer a vida de sacerdote do Cura d'Ars, que incitou os católicos a reacenderem a fé e viver a santidade. Neste trabalho bibliográfico, temos como fontes relevantes, Trochu, Cardeal Sarah, Fulton Sheen, Joulin, Hunerman, Ghéon. Conhecendo a vida do padre Vianney, conclui-se que a santidade é para todos que a buscam.

Palavras-chaves: santidade, oração, penitência, humildade, sacerdócio

ABSTRACT

The spiritual and sacrificial life of St. John Mary Vianney influenced and led thousands of people to conversion and their encounter with God. His action as a priest was essential for the development and growth of the Church in France from the 18th to the 19th century, and the evangelization of Christians. His story, which is based on love, on renunciation, will be presented, based on his vocation, on his total detachment and love. It was of considerable importance to get to know the priestly life of the Curé d'Ars, which urged Catholics to rekindle their faith and live holiness. In this bibliographical work, we have as relevant sources, Trochu, Cardinal Sarah, Fulton Sheen, Joulin, Hunerman, Ghéon. Knowing the life of Father Vianney, one concludes that holiness is for all who seek it.

Key words: holiness, prayer, penance, humility, priesthood

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
I- A VIDA DE JOÃO MARIA BATISTA VIANNEY: PADRE VIANNEY.....	10
1.1- Infância	10
1.2- Adolescência	12
1.3- Jovialidade	13
II- PADRE VIANNEY: O CURA DE ARS.....	15
2.1- O Seminário.....	15
2.2- A Ordenação Sacerdotal.....	16
2.3- O Ministério em Ars.....	18
III- CARACTERÍSTICAS SACERDOTAIS.....	22
3.1-A grandeza do sacerdócio	22
3.2-Colaboração corresponsável com os leigos	25
3.3-Do altar ao confessional: os lugares mais privilegiados	26
3.5-Devoção a Maria; milagres e morte do Cura d'Ars	30
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica tem os santos por modelo, inspiração e renovação na caminhada de fé, sobretudo em momentos onde a mesma se encontrou cercada ou abalada por circunstâncias como guerras, cismas ou mudanças culturais.

É neste contexto que surge, na França do século XVIII estremecida espiritualmente pela Revolução Francesa, João Maria Vianney, chamado mais tarde o Santo Cura de Ars.

Sua vida de fé, a força de sua oração, o exemplo de sua santidade e sua atuação sacerdotal não contribuíram somente para a reestruturação espiritual de seu país na passagem do século XVIII para o XIX, como também para a Igreja no mundo inteiro dando um novo fervor à mesma. O seu exemplo de sacerdote dedicado a Deus e à Igreja foi sinal de conversão não só para leigos, mas muitos sacerdotes foram tocados pela simplicidade e dedicação do santo padre, hoje elevado aos altares e eleito o padroeiro dos sacerdotes.

Sendo assim, o que se propôs na investigação é conhecer sua vida e vocação analisando-o como homem de adoração, oração e devoção. Será explanado neste trabalho sua vida de sacrifício, penitência e doação. E como homem que levava o perdão através da confissão e de sua exemplar conduta, vivendo seu sacerdócio na obediência e dedicação ao próximo. Um santo que acima de tudo dedicava sua vida à adoração eucarística.

Através de pesquisa bibliográfica buscar-se-á conhecer sua vida e compreender um pouco mais a vocação sacerdotal e ao mesmo tempo explorar a figura do santo que nos traz um amor mais profundo, verdadeiro e entregue ao sacerdócio como um todo e desperta nos corações uma vivência de fé. Para tanto se relatará sua vida de penitência e sacrifício evidenciando seu espírito de humildade.

Deste modo se tornará perceptível como a fé do sacerdote pôde contribuir para a conversão de milhares de pessoas que viram no exemplo do santo, um caminho para encontrar a própria santidade.

Capítulo I

A VIDA DE JOÃO MARIA BATISTA VIANNEY: PADRE VIANNEY

1.1 - Infância

Século XVIII, 1786 na França, Aldeia de Dardilly, 08 de maio. Nascia o pequeno João Maria, que deveria deixar na história uma grande contribuição para a Igreja que passaria por intensas perseguições e enfrentaria uma verdadeira crise de fé e diante de tamanhas provações que enfrentaria, e o exemplo de sacerdotes como o padre Vianney, iria fortalecer e fazê-la perseverar. Os conflitos ocasionados pela Revolução Francesa, acabaram chegando à aldeia de Dardilly que também sofreu as consequências de uma transformação civil e religiosa que deixaria seu rastro em todo o mundo. Como cita Joulin:

Dardilly ficou um pouco à margem das desordens. O padre Joaquim Rey, vigário da paróquia nos últimos quarenta anos, prestou os juramentos exigidos pelas autoridades para que a população não fosse molestada. Em 1794, porém, a perseguição religiosa se intensificou, e a Igreja foi fechada. (2009, p. 9-10).

Filho dos camponeses, Maria Beluze e Mateus Vianney, João Maria era o quarto filho dos sete que tiveram. Seus padrinhos foram João Maria Vianney de quem herdou o nome, e sua esposa Francisca Martinon, seus tios paternos. Vianney cresceu na aldeia de Dardilly. Desde pequeno gostava de frequentar a Igreja e já demonstrava desejo de ser sacerdote. “Aos domingos, a mãe levava seu Joãozinho à Igreja. Agora já tinha três anos. E era edificante vê-lo sentado a seu lado, os olhinhos brilhantes voltados para o sacrário”. (HUNERMANN, 1962, p. 30). O que mostrava que desde pequeno, mesmo sem compreender a magnitude do mistério eucarístico, o Senhor já o atraía para Si. Era uma criança alegre que gostava da vida simples do campo, onde brincava com seus animais de estimação. Levava uma vida pura e tranquila, e desde tenra idade já demonstrava profunda fé e devoção à Virgem Maria. O pequeno divertia-se muito feliz quando acompanhava seus irmãos Catarina e Francisco pelos prados cuidando das criações.

Em casa brincava muito travesso, com os irmãos, alheio aos horrores que em todo o mundo se praticavam; divertia-se com Belo, o cão; no prado, tocava as galinhas, chapinhava no tanque raso à porfia com os marrecos

e soltava gargalhadas estridentes, quando o pai o punha a cavalgar o paciente burrico. (HUNERMANN. 1962, p. 30).

Mas o pequeno João Maria, desde que nasceu foi um menino precoce e sua dedicada mãe se comprazia em mostrar-lhe os objetos sagrados que ele se encantava em ficar contemplando com piedade.

Desde que o pequeno, pelo que parece, mais mimoso que os outros, começou a distinguir os objetos exteriores, sua mãe comprazia-se em lhe mostrar o crucifixo ou as imagens piedosas que ornavam os cômodos da casa. E quando os bracinhos se puderam mover com algum desembaraço fora das mantilhas, começou a lhe guiar a mão incerta, da frente ao peito e do peito aos ombros. Em pouco tempo o pequeno contraiu esse hábito. (Trochu, 2018, p. 22).

Observava-se assim que desde a infância o menino já se sentia atraído pela santidade e oração. Muitas vezes, se a mãe esquecia de traçar com ele o sinal da cruz ele reclamava e se recusava a tomar as refeições. Foi também a sua mãe, que entre os afazeres domésticos lhe ensinou as primeiras orações que ele recitava com fervor e devoção: o Pai Nosso e Ave Maria, além das noções fundamentais sobre Deus e a alma. Estes colóquios deixavam-no cada vez mais seduzido pelo Senhor, e o fazia gradativamente sedento de recolher-se em oração. Conta Hunermann que certa vez o pequeno João afastou-se para rezar enchendo sua mãe de preocupação:

Angustiado, em extremo, correu para o quintal (...). Afinal abriu a porta do estábulo e (...). Lá estava seu Joãozinho, ajoelhado na palha, entre o boi e o burro. Sua querida Madona estava em cima do cocho. Diante dela rezava, em voz alta, quanta oração sabia de cor. Duvido que os pastores de Belém o fizessem com mais fervor, quando se prostraram na gruta, entre o boi e o burro. (1962, p. 37).

Estes acontecimentos em sua infância, em que o pequeno João se retirava para rezar, sempre foram constantes. As imagens sagradas, o atraíam despertando em seu coração grande amor e devoção principalmente à pequena imagem de Nossa Senhora que ganhara de sua mãe. Esta era sua maior riqueza, e nunca abandonava sua santinha. “Tanto mais apertava ao coração seu pequeno tesouro, a imagem da Mamãe do céu, na firme convicção de que ela o protegeria contra todos os demônios do inferno (...) Agora vamos rezar o terço, para não falar bobagem, decidiu o menino, tirando o Credo”. (HUNERMANN, 1962, p. 54;57).

Assim o Joãozinho crescia em santidade e pureza entre seus amigos e os animais do campo, ignorando os horrores da Guerra.

1.2 - Adolescência

Neste caminho de santidade e devoção cresceu o pequeno Vianney e como os irmãos, dedica-se a ajudar no trabalho do campo pastoreando ovelhas, e nas demais tarefas. Mas em Paris estourara uma grande Revolução que abalaria não só a França, mas seus efeitos respingariam em todo o mundo. Cresceu no meio de uma grande perseguição sofrida pela Igreja, onde a sua própria acabou fechada e ele se viu privado da Santa Missa. Seguiu o jovem ajudando o pai nos trabalhos da vida rural e aproveitando todos os momentos de descanso para se dedicar à oração.

Recebeu secretamente o sacramento da Eucaristia por causa da perseguição à Igreja pela Revolução Francesa. Ghéon destaca que: “Aos dez anos confessou-se pela primeira vez com um desses sacerdotes ainda mal vistos pelas autoridades que, vestidos de leigos, erravam de aldeia em aldeia”. (1986, p. 18). Este foi para o jovem um marco em sua vida de pastor de rebanhos, que alimentava um verdadeiro amor a Deus e à Santíssima Virgem. Mas teve que esperar ainda alguns anos para receber o Santo Sacramento da Eucaristia pela primeira vez. “Passara dos treze anos quando fez a primeira comunhão, juntamente com outras crianças, num castelo dos arredores, por trás de venezianas bem fechadas”. (GHÉON, 1986, p. 18). Num ambiente de profunda humildade, em Écully, onde se hospedara na casa da sua tia materna Margarida Beluse. Lá não se ouvia o soar dos sinos nem os cânticos alegres. O jovem em grande expectativa, aguardava o sublime momento de seu encontro com Cristo.

Era o ano de 1799 e a França passava por intensas perseguições. Os cristãos viam os padres serem assassinados sem piedade serem arrastados à guilhotina e outros serem deportados para as Guianas. Foi nesse clima de tensão e inquietude que o jovem se dirigiu com mais 15 companheiros para receber o Santo Sacramento num castelo dos arredores, por trás de venezianas e portas bem fechadas. Hunermann relata “E, contudo, pareceu ao jovem Vianney que, na hora da elevação, o céu se abriu e Jesus desceu sobre o altar. E quando o

sacerdote depositou na língua o corpo de Nosso Senhor, sua alma mergulhou num mar de graças e o mundo deixou de existir para ele”. (1962, p. 37).

1.3 - Jovialidade

O jovem Vianney seguiu ajudando a família em completa dedicação e obediência enquanto em seu peito queimava a chama do desejo de ser sacerdote. O sangue dos mártires continuava a correr na França. A Igreja continuava sofrendo as maiores perseguições sendo fechadas, padres juramentados, religiosos e religiosas assassinados. Entretanto, diante das grandes dificuldades, a França vê abrir uma nova porta de esperança para as almas dos cristãos esmagados pelas intensas perseguições. Aos 16 de julho de 1801, o Papa Pio VII e Napoleão Bonaparte assinam em Paris a concordata de 1801. Essa concordata objetivava a restauração da Igreja Católica, e assim após tantos anos de terror e perseguição os católicos ouvem os sinos das Igrejas repicarem novamente. Trochu relata que:

Começava, entretanto, uma nova aurora a iluminar o céu da Igreja em França. O primeiro cônsul, desejoso de restabelecer na República a ordem perturbada, dando-lhe a paz interna, compreendeu que, sem religião, não faria nada de sério nem duradouro. Daí as negociações com o Papa para um acordo que foi assinado em Paris no dia 16 de julho de 1801, e ratificado em Roma a 15 de outubro. A 5 de abril de 1802 o Corpo Legislativo declarou-o lei de Estado (2018, p. 45).

Estes fatos irão contribuir para que novos tempos floresçam para os cristãos, onde muitos já haviam perdido a fé. O Papa Pio VII, que assinara a concordata que restaurava os direitos da Igreja, fora eleito em 14 de março de 1800.

Com a Intercessão da mãe, o jovem consegue a bênção do pai e já com 17 anos inicia seus estudos com o padre Balley.

Em 1807 João Maria atingia a idade de prestar o serviço militar, este seria outro sério problema na vida do jovem que viu mais uma vez o sacerdócio se distanciar de suas perspectivas. Convocado para servir o exército, ele deixou o seminário onde já iniciara seus estudos, e foi juntar-se à tropa, mas acabou se tornando um desertor por ter adoecido e se perdido de sua divisão. “Logo que foi convocado, o soldado Vianney caiu doente. Ficou internado quinze dias no Hotel-

Dieu de Lyon (...) em dezembro daquele ano foi acometido de uma forte febre e teve de internar-se no hospital da cidade, onde ficou até 6 de janeiro de 1810”. (JOULIN, 2009, p. 16). Após este incidente ele recebeu alta, mas não conseguiu alcançar seus companheiros porque encontrou uma Igreja e parou para fazer suas orações. Perdeu-se ali diante de Jesus.

Mas, antes da partida, o seu amor apaixonado por Deus fez com que entrasse numa igreja. Ali depôs o fardo do seu sacrifício aos pés do Senhor. Orou por muito tempo; talvez tempo demais. Quando saiu da sua oração, o destacamento já estava longe. (GHÉON, 1986, p. 22).

Assim, o jovem soldado acabou se tornando um desertor e passou dois anos escondido na casa de Claudina Fayot, na vila de Noes. O jovem desertor tentava ajudar na pequena vila como podia: ajudava nos serviços do estábulo, na granja, na casa e no serviço da roça, como uma maneira de compensar a acolhida. Ajudava também ensinando as primeiras letras e os fundamentos da fé e da religião aos filhos da viúva Fayot e do burgomestre. Após algum tempo, seu irmão caçula, Francisco Xavier, prontificou-se em assumir o lugar do soldado Vianney e então após dois anos de exílio, em 1811, o então desertor pode voltar para seus estudos. “Soou, afinal, a hora feliz, do nosso desterrado voltar para casa como homem livre”. (HUNERMANN, 1962, p. 111)

Capítulo II

PADRE VIANNEY: O CURA DE ARS

2.1- O Seminário

A escola também foi uma dificuldade a ser enfrentada. Só aos dezessete anos, João Maria conseguiu iniciar os estudos. Fato que marcaria mais tarde sua saga no seminário. Frequentou a escola por dois anos e neste período aprendeu o francês, pois até então falava o dialeto local de sua aldeia. Cada vez mais, o garoto se sentia conquistado pelo amor a Deus. Este amor e dedicação à verdadeira fé vão despertar no jovem rapaz, grande enlevo e fascínio pelo sacerdócio.

Mas muitos serão os empecilhos que deverá enfrentar para conseguir ver florescer seus sonhos. Por exemplo: os efeitos da Revolução que acabam fazendo-o um desertor; a condição financeira da família, pois ele era de grande ajuda na terra dos pais, que não poderia dispensar o seu trabalho. Mais tarde, quando finalmente conseguiu a aprovação do pai, com a ajuda da mãe, e seguiu para seus estudos eclesiais, se deparou com a dificuldade de assimilar o latim, o que acabou se tornando um verdadeiro desafio. Apesar do jovem Vianney conquistar a todos com sua simplicidade e humildade, os estudos se transformou num pesado fardo.

Mas infelizmente, a gramática latina pareceu-lhe horrível. O jovem estudante era pronto e sutil nas respostas. Gostavam de ouvi-lo falar, mas tinha muita dificuldade no que se referia aos estudos. Tornava-se embaraçado quando sentia uma pena entre os dedos. Devido ao pouco uso da inteligência durante muitos anos, esta tornara-se como que entorpecida. Em João Maria essa faculdade enferrujara-se, por assim dizer, durante o tempo em que manejava a enxada. Esquecera as poucas noções gramaticais recebidas na escola do cidadão Dumas. E não era possível empreender o conhecimento da sintaxe latina sem conhecer a francesa. (TROCHU, 2018, p. 53).

O humilde moço apesar de sua árdua e intensa dedicação sofria com os dissabores do latim que parecia querer desencorajá-lo cada dia mais. Dedicou-se aos estudos, à oração e jejum suplicando ao Espírito Santo que o ajudasse na difícil tarefa. Chegou mesmo a pensar em desistir e voltar aos labores da terra, onde tinha maior destreza e habilidade no manejo da enxada, porque não via

progresso nas intensas tentativas, mesmo passando noites debruçado sobre os livros. “Começou a rever em pensamento o lar e os campos paternos, em cujo cultivo, graças à sua robustez, conseguia êxitos fáceis”. (TROCHU, 2018, p. 54).

Apesar dos conselhos do padre Balley, o rapaz estava desanimado. Mas, as sábias exortações e direção de seu confessor acabaram reacendendo no sofrido coração uma nova esperança e estímulos para continuar sua luta com os estudos. “O demônio do desalento deixou de inquietar aquela alma pura. Mas nem por isso a memória do estudante tornou-se menos rebelde”. (TROCHU, 2018, p. 55).

Após tentar com todas as suas forças e determinação, e ver-se quase sem progresso nos estudos, o jovem se propôs a fazer uma peregrinação, ato muito comum naquele período, ao túmulo de São Francisco Régis de quem era muito devoto. Esperava com esse sacrifício alcançar o auxílio do santo. Era o ano de 1806. “Fez voto de peregrinar a pé, mendigando o pão, tanto na ida como na volta, até ao santuário de Louvesc, e visitar o túmulo de S. Francisco Régis, o apóstolo de Velay e de Vivarais”. (TROCHU, 2018, p. 55). Sofrendo as adversidades e contratemplos do caminho, João Maria não se deixou abater e com persistência e determinação cumpriu sua promessa. O santo parece ter tido compaixão do dedicado peregrino. Os estudos já não pareciam tão pesados e duros como antes. Já conseguia encarar com mais ânimo a tarefa de desvendar os mistérios dos livros e já não sentia tanta tristeza ao se dedicar aos estudos. No entanto seu exemplo de santidade e humildade foi de grande peso na consumação de sua ordenação.

2.2- A Ordenação Sacerdotal

Vencendo todos os obstáculos, Vianney conseguiu em 1815 concluir seus estudos. “Aos treze de junho de 1815, recebia o diaconato das mãos do bispo Dom Simon, na catedral de Lião”. (HUNERMANN, 1962, p. 125). O piedoso Padre Balley, que viu no jovem seminarista a grande vontade, dedicação e garra, encaminhou-o para o seminário em Écully, perto de Lyon. João Maria Vianney, conseguiu finalmente fazer seus votos. Abria-se a expectativa do sacramento da ordem. O dedicado diácono continuou os estudos com afinco. “No princípio de agosto João fez novo exame na canônica de Écully e o vigário geral Bochart

manifestou-se satisfeito com os conhecimentos do aluno”. (HUNERMANN, 1962, p. 125).

Concluídos estes últimos exames foi enviado ao seminário maior de Grenoble, onde chegou no dia 12 de agosto de 1815, e em 13 de agosto do mesmo ano, ele recebeu o sacramento da ordem. “No dia seguinte, décimo terceiro domingo de Pentecostes, às primeiras horas da manhã, foi conduzido à capela que antes da revolução fora Igreja dos Mínimos”. (TROCHU, 2018, p. 94). Recebeu a unção sacerdotal do bispo Mons. Dom Simon, sendo este momento de grande enlevo e felicidade, para o então agora neo sacerdote Vianney. Abria-se para a Igreja um raio de luz que iria iluminar as marcas das trevas deixadas pela Revolução Francesa.

Com a idade de 29 anos, depois de tantas incertezas, de tantos fracassos e de tantas lágrimas, João Maria Vianney via abertas as portas do santuário. Enfim, subia ao altar do Senhor. Desde aquele momento de sua ordenação se considerava de corpo e alma como um vaso sagrado, exclusivamente destinado ao divino ministério. (TROCHU, 2018, p. 94).

Após sua ordenação, foi designado como coadjutor do querido padre Balley. “Pe. Vianney celebrou sua primeira missa na capela do Seminário Maior, onde no dia anterior recebera a ordenação sacerdotal. Era, pois, 14 de agosto, segunda-feira, véspera da Assunção”. (TROCHU, 2018, p. 95). No dia 16 de agosto ele retornou para sua querida Écully onde iria ficar ao lado do seu velho e sábio mestre, o padre Balley, como seu coadjutor. O padre João Maria Vianney, entretanto, tornar-se-ia professor de catecismo, e não receberia licença para confessor. Estava o jovem padre pronto para anunciar a Palavra de Deus. “O novo sacerdote começou ensinando catecismo para as crianças. (...). Um ano após sua ordenação, recebeu permissão para ser confessor. Seu primeiro penitente foi Padre Balley, que lhe manifestou, assim, sua admiração e confiança”. (JOULIN, 2009, p. 24). Iniciou-se assim, aquela que seria para ele a sua maior missão e também pesada cruz. Estaria anos depois, o padre Vianney preso ao confessionário levando alívio às almas sedentas de paz.

Depois de algum tempo foi designado como pároco para a pequena aldeia de Ars, conhecida pelos bailes, cabarés, bares e intensas bebedeiras. A fé, jazia adormecida nos pobres e cansados corações. Diante desta realidade, o padre vai se consumir numa vida de penitência, oração e adoração e, pelo seu exemplo,

atrair os cidadãos a uma conversão sincera e completa mudança de vida. São João Maria vai conquistar para Jesus, não só os cidadãos de Ars, mas uma grande multidão que acorrerá para lá, em busca de uma fé viva e verdadeira, uma nova esperança, refrigério para o corpo e alma e sincero amor a Deus.

O Catecismo apresenta a unidade entre as Escrituras e o Sumo Sacerdote, o próprio Cristo. Ele, que é o exemplo maior de toda a cristandade. “Todas as prefigurações do sacerdócio da Antiga Aliança, encontram a sua realização em Jesus Cristo, único mediador entre Deus e os homens”. (CIC 1544). São João Maria assimilou em si esse sacerdócio instituído em Cristo. E é Cristo, que mostra a vida do sacerdote como vida de oração, quando se retirava do meio do povo para orar, “Naqueles dias, ele retirou-se à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus”. (Lc 6,12).

2.3- O Ministério em Ars

Seguindo os ensinamentos que recebera do padre Balley, o pobre cura d’Ars, chegou ao pequeno povoado, e aí iniciaria a missão de reacender a fé que estava entorpecida no gelo da tibieza, dos camponeses exauridos, cansados que se entregavam a uma vida de vícios e pecados.

O Cura, consumido pelo ardor sacerdotal e pela caridade para com a alma pobre, vai se deixar envolver por um admirável amor e zelo pela pequena paróquia que lhe é confiada. Como pai espiritual, São João Maria Vianney, assume uma vida de verdadeira devoção a Deus e doação aos fiéis. Como diz Sheen:

Para mudar de figura, nós sacerdotes, não somos só pastores, mas também cordeiros. Não era, Nosso Senhor mesmo, tanto o Bom Pastor como o cordeiro de Deus (Jo,1,29)? Como o Oferente, Ele é o Pastor. Como o ofertado, é o Cordeiro. (...). Também o sacerdote não é só o Pastor, preocupado com seu rebanho; é também o Cordeiro por eles oferecido. (2018, p. 37).

E assim a vida do pobre cura tornou-se uma vida de total dedicação à oração, jejum e penitência. João Maria amou os seus paroquianos e entregou-se como o próprio Cristo se entregou por sua Igreja. “Como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”. (Ef.5,25). Sem medo e sem reservas o padre foi aos poucos conquistando cada coração, consumindo-se na vida de sacrifícios, dedicando a si

mesmo poucos cuidados e tempo. Quase não dormia, pois, levantava-se de madrugada e dirigia-se à Igreja, para diante do Santíssimo, onde prostrava-se em adoração até o raiar do dia, quando se retirava para o confessionário. “Desde as quatro da manhã, às vezes mais cedo ainda, uma lanterna atravessava o jardim e o pequeno cemitério e desaparecia na igreja, (...) toda manhã ele rezava pelo menos três horas”. (JOULIN, 2009, p. 39)

Ele sabia ser este o único caminho para chegar ao coração do seu povo: “Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer”. (Jo 15,5). E assim, São João Maria Vianney mergulhou sua vida em Cristo e dedicou-se primeiramente a viver nEle como verdadeiro sacerdote, pois o sacerdote não o é sem estar ligado a Cristo e à oração. O santo já dizia da grandeza do sacerdote: “Quando se quer destruir a religião, começa-se por atacar o padre, porque onde quer que não haja mais padre, não há mais sacrifício, não há mais religião (...) Depois de Deus o sacerdote é tudo”! (FREYMANN, 2017, p. 45).

Portanto, o pobre recém sacerdote após sua ordenação, vai aprender com o querido mentor padre Balley, uma vida austera de oração, silêncio e trabalho. Uma vida reclusa, que chegava a preocupar os paroquianos e seus superiores. É com este prodigioso exemplo que o neo sacerdote aprendeu a viver a vida de orações intensas e grandes mortificações que vai se dedicar daí em diante. Não poupava a si mesmo de nenhuma adversidade, mas, ao contrário exigia de si próprio até a última força. “João Maria Vianney seguia com entusiasmo esse exemplo e, com o vigor de sua juventude, ultrapassava seu mestre no caminho da mortificação corporal”. (JOULIN, 2009, p. 23-24).

Neste espírito de penitência o sacerdote irá fazer de sua vida uma vida semelhante à de seu santo pároco padre Balley que sempre lhe dizia: “Há um meio que, em quase todos os casos, consegue reconduzir ao bom caminho até o pecador mais empedernido. Nós temos que fazer em lugar dele a penitência que não se resolve a fazer”. (HUNERMANN, 1962, p. 136-137). O santo tomou para si este modelo de vida, dedicando-se a intensas abstinências e contrições que acabaram minando suas forças com o passar dos anos.

Esse santo exemplo irá segui-lo e conduzir sua vida de extrema dedicação e mortificações. “Este é o ponto de partida da vida penitente e apostólica do novo

sacerdote, que perde o guia que o guiava; este é o exemplo vivo do qual viverá; é o padrão de platina com o qual há de medir os outros e a si próprio”. (GHÉON, 1986, p. 29).

No dia 09 de fevereiro de 1818, o padre pôs-se a caminho de Ars, que um dia tornar-se-ia um dos maiores centros de peregrinação da França. Ao chegar aos limites da aldeia, prostra-se de joelhos em oração, suplicando a proteção do anjo da guarda do modesto vilarejo e logo em seguida se dirige para a pequena Igreja que parecia abandonada. “Depois que o jovem pastor explicou que no lugar onde se achavam passava o limite da paróquia. O Cura d’Ars ajoelhou-se e rezou. (...) E invocou o anjo da Guarda daquela paróquia. Sua primeira visita foi à Igreja”. (TROCHU, 2018, p. 107-108)

Toda a aldeia se mostrava desamparada, perdida no ermo do desânimo e o padre pode constatar em pouco tempo que a fé esfriara sob as preocupações com as coisas terrenas. Sem perda de tempo, o sacerdote dedicou-se a reacender nos corações o fervor a tanto tempo adormecido. Trochu cita que: “No reduzido campo que lhe fora confiado, o Pe. Vianney viu a boa semente, mas a encontrou espalhada entre o joio e ficou espantado”. (2018, p. 113). O grande amor que o padre tinha a Deus e às almas vai despertar nele um grande anseio pela salvação de seus paroquianos que estavam tão afastados de Deus. Decidido a lutar pela conversão do povo a ele confiado, dedica-se à oração e mortificação como caminho para alcançar as almas que lhe foram entregues para seus cuidados.

O Cura d’Ars trazia como que entranhado no seu próprio sangue o amor a Deus e o amor às almas. Tinha como se diz, o instinto da conquista (...). O bom soldado de Cristo (...) dirigia-se ao santuário, onde de punha de joelhos. Assim passaria toda a manhã se o ministério sacerdotal não o reclamasse. Os que o chamavam para algum enfermo não tinham necessidade de buscá-lo na casa paroquial: sabiam muito bem onde o poderiam encontrar. Em alguns dias não saía da Igreja senão depois do ‘ângelus’ da tarde. (TROCHU, 2018, p. 117).

Assim, o padre Vianney começou uma rotina, na qual dedicaria as madrugadas prostrando-se diante de Jesus no tabernáculo, intercedendo e implorando pela conversão de seus fiéis. Quando questionado pelo excesso de jejum e penitência lembrava São Mateus: “Quanto a essa espécie de (demônios), não é possível expulsá-la senão pela oração e pelo jejum”. (Mt 17,21).

E neste caminho de fé e dedicação, o padre Vianney seguiu sua rotina de vida de completa entrega a Deus através do seu sacerdócio. O Papa Bento XVI destaca que:

Seguindo o exemplo do Bom Pastor, ele deu a vida nas décadas do seu serviço sacerdotal. A sua existência foi uma catequese viva, que adquiria uma eficácia extremamente singular quando as pessoas o viam celebrar a Missa, deter-se em adoração diante do tabernáculo ou transcorrer muitas horas no confessional. (Audiência Geral, 2009)

São João Maria, arrastava multidão pelo exemplo de humildade e pelas horas intensas que passava diante do sacrário contemplando Jesus. Esse exemplo de humildade e obediência atraía cada vez mais peregrinos sedentos de amor à pequena Ars em busca de consolo para as feridas da alma e do corpo. O Papa Bento XVI destaca também:

Considerando bem, o que tornou santo o Cura d'Ars foi a sua fidelidade, humildade à missão à qual Deus o tinha chamado; foi o seu abandono constante, cheio de confiança, nas mãos da Providência divina. Ele conseguiu sensibilizar o coração das pessoas não em virtude dos próprios dotes humanos, nem contando exclusivamente com um compromisso da vontade, por mais que este tenha sido louvável; conquistou as almas, mesmo as mais refractárias, comunicando-lhes o que vivia intimamente, ou seja, a sua amizade com Cristo. (Audiência Geral, 2009).

O santo Cura deixava-se ceifar até a última gota entre o altar e o confessional, por amor a Deus e à Eucaristia. Seu coração ardia na ânsia de levar o Cristo a todas as almas angustiadas. Por isso, dedicava-se à catequese e com amor e humildade acolhia a todos, fazendo ele mesmo, muitas vezes, as penitências e mortificações pelos pecadores. Ele mostrava com sua vida que só se pode viver o sacerdócio se se tiver uma verdadeira união pessoal, uma amizade íntima com Cristo, pois só uma intimidade com Ele, pode abrir os corações à misericórdia que emana de seu santo Coração. Amor, dedicação, humildade e vida de oração e adoração é o caminho para um sacerdócio santo. Sheen destaca que: “Toda alma é responsabilidade nossa, e muitos entrariam na Igreja, se os convidássemos. O erro de muitos padres é que se preocupam mais com a administração do que com o Evangelho”. (2018, p. 115). Para o padre Vianney, Jesus, e o Evangelho estavam sempre em primeiro lugar.

Capítulo III

CARACTERÍSTICAS SACERDOTAIS

Uma vez que se lançou um breve olhar sobre a trajetória de São João Maria Vianney agora cabe destacar as principais características sacerdotais que mostram como ele vivia e entendia o grande dom e mistério do Sacerdócio.

3.1 - A grandeza do sacerdócio

O Cura d'Ars foi muito humilde, mas consciente de ser, como sacerdote, um imenso presente para o seu povo um pastor zeloso e dedicado. Sheen relata:

O primeiro dever do pastor é ir buscar a ovelha perdida e permanecer com ela depois de encontrada. É isto que distingue o verdadeiro pastor, do mercenário; o intelectual, da 'intelligentsia'. Ambos são formados cultos e eruditos. A diferença está na relação com o povo. (2018, p. 38).

Falava do sacerdócio como se não fosse possível perceber toda a grandeza do dom e da tarefa confiada a uma criatura humana: “Ah, que coisa grande é um padre! Quem o compreendesse, morreria ... Deus obedece-lhe; ele diz umas poucas palavras e Nosso Senhor desce do céu ao seu chamado e encerra-se em uma pequena hóstia”. (CURA d’Ars, 2019, p. 53)

Explicando aos seus fiéis a importância dos sacramentos, ele destaca o valor do sacramento da Ordem, através do qual se torna possível a recepção de todos os outros. É através do padre que Deus concede a graça de se chegar aos outros sacramentos que é a própria Igreja.

Se não tivéssemos o sacramento da Ordem, não teríamos Nosso Senhor. Quem foi que o colocou lá? Foi o padre. Quem acolheu a alma de vocês quando entraram na vida? O padre. Quem alimentou-a de sua jornada para lhe dar a força de fazer sua peregrinação? O padre. Quem vai prepará-la para encontrar-se com Deus, lavando essa alma uma última vez, no sangue de Jesus Cristo? O padre, sempre o padre. E quando acontecer a essa alma morrer, quem a ressuscitará, quem lhe devolverá a calma e a paz? Ainda o padre (...) O padre é tudo. (CURA d’Ars, 2019, p. 48;49).

Essas afirmações, nascidas do coração sacerdotal do santo pároco, podem parecer exageradas. No entanto, elas revelam a mais alta consideração pela qual ele tinha o sacramento do sacerdócio. Parecia dominado por um imenso sentido de responsabilidade:

À voz do sacerdote, Nosso Senhor desce do céu e se encerra numa pequena hóstia. Deus detém os olhares sobre o altar. Oh, se tivéssemos fé, se compreendêssemos o valor do santo sacrifício, teríamos muito mais zelo em assistir-lhe. (FREYMANN, 2017, p. 41).

Essa responsabilidade o Cura d’Ars a viverá em sua própria carne como verdadeiro pastor que acolhe e cuida de suas ovelhas. O cardeal Sarah diz sobre o valor e as responsabilidades do sacerdote:

O padre deve ser reto, corajoso e mesmo disposto a sofrer ultrajes pelo Senhor (...) Na celebração da Eucaristia, o que cabe ao sacerdote é servir a Deus e aos homens. O culto que o Cristo rendeu ao Pai foi um dom de si até o fim pelos homens. É nesse culto, nesse serviço, que o sacerdote deve se inscrever. (2020, p. 40).

Este é o caminho do sacerdócio que São João Maria segue com todo o coração: servir a Deus e aos homens. Doando-se como Cristo se doou.

Chegou à Ars, uma pequena aldeia de 230 habitantes. Fora na ocasião avisado pelo Bispo sobre a precária situação religiosa: “Não há muito amor de Deus naquela paróquia. Mas o sr. vai trazê-lo”. (HUNERMANN, 1962, p. 143)

Ele sabia muito bem que deveria encarnar a presença de Cristo, testemunhando a ternura da salvação:

Ajoelhei-me diante do vosso tabernáculo pedindo a Deus que me concedesse a conversão da minha paróquia. Também neste momento repito com todas as forças do fundo de minha alma: Ó meu Deus, estou pronto a suportar até ao fim da vida tudo que me mandardes. Estou pronto a aguentar os piores sofrimentos durante cem anos, contanto que me ajudeis a conduzir a vós as almas que me confiastes. (HUNERMANN, 1962, p. 152).

Com esta oração começou sua missão e dedicou-se com todas as forças à conversão da sua paróquia, insistindo sobretudo na formação cristã das almas que lhes foram confiadas. Dedicou-se à catequese não só das crianças mas também dos adultos com ardor e zelo. Sua voz forte ecoava pelos ares da aldeia chamando à conversão e à santidade.

Em primeiro lugar, o padre vai assumir sua identificação total com o próprio ministério. Em Jesus, pessoa e missão tendem a coincidir: toda a sua obra salvífica foi e é expressão do seu “eu filial”, que está diante do Pai, desde toda a eternidade, em atitude de amorosa submissão à sua vontade. Do mesmo modo e com toda a singeleza, o sacerdote também deve aspirar a essa identificação.

O Cura de Ars assumiu imediatamente a tarefa humilde e paciente de harmonizar a sua vida de ministro com a santidade do ministério lhe confiado, “vivendo” também materialmente na sua Igreja paroquial assumindo como sua morada a própria Igreja: “Pe.Vianney começou querer bem àquela velha igreja como se fosse sua casa paterna. Para embelezá-la, começou pelo principal – o altar – centro e razão de todo o santuário”. (TROCHU, 2018, p. 125).

O Santo Cura d'Ars também soube “fazer-se presente” em todo o território da sua paróquia: visitou sistematicamente os enfermos e suas famílias, organizou missões populares e festividades do santo padroeiro. Observa-se que a exemplo do cura d'Ars como cita o Papa São João XXIII: “S. João Maria Vianney, pobre de bens materiais, foi igualmente exemplo de voluntária mortificação da carne (...) e em toda a sua vida, praticou, em grau heróico, a ascese da castidade”. (Carta Encíclica *Sacerdotii Nostri Primordia*, 1959). Sendo este o exemplo que deixará e que muitos padres irão imitar mostrando cada vez mais o valor e o vínculo dessa grande missão.

Padre Vianney coletou e administrou dinheiro para suas obras de caridade e para missões, adornou a igreja e a comprou dignas vestes sacerdotais. “Depois, procurou aumentar as tralhas de Deus, como dizia na sua linguagem rica e cheia de imagens. Visitou em Lyon as casas de bordados e a joalheria. Comprou aquilo que lhe pareceu mais precioso”. (TROCHU, 2018, p. 124). Cuidou das órfãs da “Providência” (Instituto que ele fundou) e de suas formadoras, ele estava interessado na educação das crianças. Mais tarde fundou também uma escola para os meninos.

De 1820 a 1823, enquanto algumas boas pessoas de Ars se encarregavam delas e lhes ensinavam as primeiras letras, o Pe. Vianney amadureceu o seu projeto e arranjou alguns recursos. (...) A escola gratuita para meninas foi aberta em 1824, sob a direção de Catarina Lassagne e de Benita Lardet. (TROCHU, 2018, p. 182; 183).

Fundou irmandades e convocou os leigos a colaborar com ele. Desde que chegou a Ars, seu foco foi atrair para Cristo estes fieis tão afastados da Igreja.

A Irmandade do Santíssimo! Agradeço-lhe, Sr. prefeito. O sr. não só me refez o pobre corpo faminto, mas também a alma. Também minha alma, Antônio Mandy! (...) No domingo seguinte o povo foi convidado a participar da Irmandade ressurgida. (HUNERMANN, 1962, p. 174; 175).

O Papa São João XXIII vai destacar como o Santo se distinguiu com seu exemplo e dedicação à restauração da Igreja de Ars: “Portanto, São João Maria

Vianney distingui-se como confessor e mestre espiritual excelente e incansável”. (Carta Encíclica *Sacerdotii Nostri Primordia*, 1959). Mas não só modelo de espiritualidade mas de renovação interior e de homem que se preocupava com o bem estar físico de suas ovelhas.

3.2 -Colaboração corresponsável com os leigos

O seu exemplo leva a destacar as áreas de colaboração em que cada vez mais espaço deve ser dado aos leigos, com os quais os sacerdotes formam um único povo sacerdotal e entre os quais, em virtude do sacerdócio ministerial, estão colocados para levar todos à unidade do amor: “amar-se com amor fraterno, na mútua estima” (cf. Rm 12,10).

Assim sendo, a Igreja em sua missão de anunciar o Evangelho deve ver os leigos com um olhar de acolhida e colaboração pois, a eles deve ser dirigido o anúncio ao mesmo tempo em que devem ser anunciadores. O Concílio Vaticano II exorta aos sacerdotes tornarem os fieis leigos, colaborados ativos na Igreja da qual fazem parte. Bento XVI exorta :

Reconhecer e promover com sinceridade a dignidade dos leigos e o papel que eles têm como próprio na missão da Igreja ... Eles devem ouvir de boa vontade aos leigos, levando em conta seus desejos fraternalmente e reconhecendo sua experiência e competência nos diversos campos da atividade humana, para poder junto com eles reconhecer os sinais dos tempos”. Entrementes, “a primeira coisa que devemos aprender [de São João Maria Vianney] é a sua total identificação com o próprio ministério. (Bento XVI, proclamação de um Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do *Dies Natalis* do Santo Cura D’Ars, 2009).

O Santo Cura D’Ars ensinou seus paroquianos acima de tudo com o testemunho de sua vida. Com o seu exemplo, os fiéis aprenderam a rezar, indo de boa vontade à Igreja para visitar Jesus na Eucaristia, escondido no sacrário. “A oração é um antegosto do céu, um aperitivo do paraíso. Sempre nos dá alguma doçura. É um mel que desce na alma e adoça tudo. Os sofrimentos dissolvem-se com uma oração bem feita, como a neve exposta ao sol”. (CURA d’Ars, 2019, p. 42). Ensinou o Cura D’Ars a sempre buscar Jesus no tabernáculo, onde ele está a esperar e se deixa encontrar.

O alimento da alma é o corpo e o sangue de um Deus! Só Deus pode enchê-la, só Deus pode saciar-lhe a fome! É absolutamente precioso o seu Deus! Que felizes são as almas puras que tem a felicidade de se unirem a Nosso Senhor pela comunhão. No céu brilharão como belos diamantes. (FREYMANN, 2017, p. 37).

Esta educação dos fiéis na presença eucarística e na comunhão foi particularmente eficaz quando o viam celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Sua devoção e dedicação sempre o fizeram um pastor zeloso não só pela salvação das almas mas principalmente no enlevo e diligência ao celebrar o Santa Missa. Todos viam o grande amor, dedicação e adoração no padre. Ele dizia do santo sacrifício: “Como é belo! Depois da consagração, o bom Deus está ali como Ele está no céu!... Se o homem conhecesse bem esse mistério, morreria de amor. Deus o fez assim por causa de nossa fraqueza”. (Cura D’Ars, 2019, p. 54). Freymann relata: “Todas as boas obras reunidas não equivalem ao Santo Sacrifício da Missa, porque são obras de homens, e a Santa Missa é obra de Deus”. (1937, p. 41).

Ele estava convencido de que todo o fervor e santidade na vida de um sacerdote dependia da Missa:

O sacerdote deve ser uma pessoa cheia de retidão, vigilante que se mantém em prontidão. A tudo isso acrescenta-se a necessidade de servir. (...) Na celebração eucarística, o que cabe ao sacerdote é servir a Deus e aos homens. O culto que o Cristo rendeu ao Pai foi um dom de si até o fim pelos homens. É nesse culto, nesse serviço, que o sacerdote deve se inscrever. (SARAH, 2020, p. 40).

3.3- Do altar ao confessionário: os lugares mais privilegiados

Esta identificação pessoal com o Sacrifício da Cruz conduziu-o do altar ao confessionário. Os presbíteros nunca se devem resignar a ver os seus confessionários vazios, nem se limitar a constatar a indiferença dos fiéis para com este sacramento. Eles devem com seu exemplo atrair a todos para a celebração maior que é a Santa Missa:

Cristo precisa de sacerdotes que sejam maduros, vigorosos, capazes de cultivar uma verdadeira paternidade espiritual. Para que isto aconteça, servem a honestidade consigo mesmos, a abertura ao director espiritual e a confiança na divina misericórdia. (BENTO XVI, Viagem Apostólica à Polônia, 2006).

Na França, na época do Santo Cura de Ars, a confissão não era nem mais fácil nem mais frequente do que em nossos dias, pois o vendaval revolucionário havia varrido bastante a prática religiosa. Mas ele tentou colocar todos os meios, na pregação e com conselhos persuasivos, para que seus paroquianos redescobrissem o sentido e a beleza do sacramento da Penitência, manifestando-a como uma

exigência íntima da presença de Cristo Eucaristia. Pode-se chamar esse movimento altar-confessionário, confessionário-altar de ‘círculo virtuoso’.

Com a sua prolongada e constante presença diante do tabernáculo da Igreja, fez com que os fiéis começassem a imitá-lo, indo visitar Jesus, certo de que ali encontrariam também o seu pároco, disponível para os ouvir e perdoar. Dizia ele:

Quando estivermos diante do Santíssimo Sacramento, em vez de olhar ao nosso redor, fechemos nossos olhos e nossa boca; abramos nossos corações, o bom Deus abrirá o seu; iremos até Ele, e Ele virá até nós para pedirmos, Ele para receber: será como um sopro que vai de um até o outro. (CURA d’Ars, 2019, p. 59-60).

No final, uma multidão crescente de penitentes, vindos de toda a França, o mantinha no confessionário por até 16 horas por dia. O santo pároco dizia: “Meus filhos, não se pode compreender a bondade que Deus teve para conosco instituindo esse grande sacramento de penitência. (...) É belo pensar que temos um sacramento que cura as chagas de nossa alma!”. (FREYMANN, 2017, p. 33).

O Cura D’Ars conseguiu em seu tempo mudar o coração e a vida de muitas pessoas, porque soube fazê-las sentir o amor misericordioso do Senhor. Ele anunciou e deu testemunho da verdade e do amor de Deus tão urgentes em nossos dias. “O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor”. (BENTO XVI, 2018, p. 62).

Com a Palavra e os sacramentos ele edificou o seu povo, embora às vezes se agitasse internamente porque não se sentia à vontade diante do grande alvoroço que se formara em Ars, chegando a ponto de pensar muitas vezes em abandonar as responsabilidades da pastoral paroquial para a qual ele se sentia indigno. O grande anseio de seu coração era retirar-se para um mosteiro dedicando-se a uma vida reclusa de oração e adoração.

No entanto, com um sentido de obediência exemplar, manteve-se sempre no cargo, porque foi consumido pelo zelo apostólico à salvação das almas. Dizia o Cura d’Ars: “O padre não é padre para si mesmo. Ele não dá a absolvição para si mesmo, ele não administra em si os Sacramentos. Ele não existe para si mesmo, ele existe para vocês”. (CURA d’Ars, 2019, p. 49). Assim ele seguia sua missão em completa resignação e submissão. Entregou-se totalmente à própria vocação e sua incumbência com severo ascetismo. Zelava sempre para não deixar sua alma cair na

indiferença ou descuidar-se na busca da perfeição. Com isso ele se referia ao perigo do pastor se acostumar ao estado de pecado ou comodismo em que vivem muitas de suas ovelhas.

Existe uma constante luta de cada ser humano contra o pecado, onde ele tem que vencer a si mesmo e suas tentações, como afirma Fulton Sheen: “Todo aquele que não empunha a espada contra a natureza inferior é destruído por ela. Primeiro, o pecado toma posse da carne; uma vez lá entrincheirada, ataca a mente e, por fim, a expulsa de sua posição de autoridade”. (2018, p. 110)

Ele dominou seu corpo com vigílias, mortificações e jejuns, e voluntariamente afligia-se em favor das almas que lhe foram confiadas unindo-se à expiação de tantos pecados ouvidos na confissão. A um irmão sacerdote, ele explicou: “Eis aqui minha receita: dou-lhes uma pequena penitência, e o que falta, faço eu por eles”. (TROCHU, 2018, p. 269)

Para além das penitências concretas que fez o Cura d'Ars, o centro do seu ensinamento permanece em todo o caso válido para todos: as almas custam o sangue de Cristo e o sacerdote não pode dedicar-se à sua salvação sem participar pessoalmente e ativamente no "alto preço" da redenção. “ Devido às orações e mortificações de um santo a graça trabalhava ocultamente nos corações”. (TROCHU, 2018, p. 142)

O Papa São João XXIII na Carta Encíclica *Sacerdotii Nostra Primordia*, do primeiro centenário da morte de São João Maria Vianney, apresentou a sua fisionomia ascética referindo-se particularmente aos três conselhos evangélicos: castidade, pobreza e obediência, considerados necessários também para os sacerdotes e para a conversão daqueles que os tem como exemplo:

E se para alcançar esta santidade de vida, o sacerdote não é obrigado, em virtude do estado clerical, a praticar os conselhos evangélicos, certamente que a ele, e a todos os discípulos do Senhor, se apresenta como o caminho real de santificação do cristão. (JOÃO XXIII, 1959).

Cita ainda o Papa São João XXIII sobre o padre Vianney e sua resignação em viver até ao fim, os conselhos evangélicos imitando o Divino Mestre:

O santo cura d'Ars, segundo se afirma, ‘tinha em prática que a grandeza do sacerdócio está na imitação do divino Mestre: ‘Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. ‘ (Mt 16, 24) (...) Deus concedeu-lhe a graça de se conservar heroicamente fiel a elas; e o seu

exemplo guia-nos ainda no caminho da ascese, onde ele, respondeu brilhantemente pela pobreza, castidade e obediência. (Carta Encíclica *Sacerdoti Nostri Primordia*, 1959).

O Cura d'Ars soube viver a pobreza, castidade e obediência, segundo a sua condição de sacerdote. Com efeito, a sua pobreza não era de religioso ou de monge, mas de padre: apesar de movimentar muito dinheiro (visto que os peregrinos mais ricos se interessavam pelas suas obras de caridade), sabia que tudo era para a sua igreja, seus pobres, seus órfãos, suas meninas da “Providência”, suas famílias mais necessitadas.

Também a sua castidade é a que se pede a um sacerdote para o seu ministério. Pode-se dizer que a castidade era apropriada para quem deve habitualmente tocar a Eucaristia com as mãos e contemplá-la com todo o coração arrebatado e com o mesmo entusiasmo distribuí-la aos seus fiéis. “A pureza do sacerdote é, portanto, espiritual, antes de ser física; é teológica, é eucarística, antes de ser higiênica. A pureza é um reflexo da fé; é uma atitude ante um ato; uma reverente introspecção, não uma intangibilidade biológica”. (SHEEN, 2018, p. 273). Diziam dele que a castidade e pureza brilhava em seu olhar, e os fiéis percebiam quando ele olhava para o tabernáculo com olhos de amante.

A obediência de São João Maria Vianney também se refletiu plenamente em sua dedicação abnegada às exigências diárias de seu ministério. É sabido o quanto se sentia atormentado por não se sentir apto para o ministério paroquial e pelo desejo de se aposentar “para chorar aquilo que chamava sua pobre vida”. (TROCHU, 2018, p. 307). Tudo o que ele mais ansiava era a solidão. Só a obediência e a paixão pelas almas conseguiram convencê-lo a continuar na sua posição. Ele explicou aos fiéis como é doce servir a Deus: “Os bons cristãos que trabalham em salvar sua alma estão sempre felizes e contentes, gozam antecipadamente da felicidade do céu; serão felizes durante toda a eternidade”. (FREYMANN, 2017, p. 14). O Cardeal Sarah comenta que: “O sacerdote não é apenas aquele que realiza uma função sacrificial. Ele é aquele que oferece a si mesmo em sacrifício por amor no seguimento de Cristo”. (SARAH, 2020, p. 49).

Acrescenta-se também de acordo com a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, que o ministério ordenado tem uma “forma comunitária” radical e só pode ser realizado na comunhão dos sacerdotes com o seu Bispo. “O sacerdócio é um dom que se recebe como é recebida a Encarnação do Verbo. Não é nem um direito nem

uma obrigação” (JOÃO PAULO II, 1992). Daí a necessidade dele caminhar em comunhão com seu bispo sucessor direto dos apóstolos.

É necessário que esta comunhão entre os sacerdotes e com o próprio Bispo, baseada no sacramento da Ordem e manifestada na concelebração eucarística, se traduza em várias formas concretas de fraternidade sacerdotal efetiva e afetiva. “Nenhum bispo é consagrado para uma diocese; é consagrado para o mundo. Ele é designado para uma diocese; é ordenado para as almas”. (SHEEN, 2018, p. 289). Vivendo a obediência, São João Maria Vianney cumpria com resignação as ordens de seu superior, mesmo que para isso devesse renunciar aos seu desejo por uma vida reclusa de oração. Visto que algumas vezes o pobre santo tentou fugir de suas obrigações paroquiais para recolher-se à vida de contemplação e adoração, sempre voltou atrás em obediência a seu bispo.

3.4-Devoção a Maria, milagres e morte do Cura d’Ars

A celebração do 150º aniversário da morte de São João Maria Vianney ocorreu imediatamente após as recém-concluídas celebrações do 150º aniversário das aparições de Lourdes (1858). Já em 1959, o Papa São João XXIII havia destacado:

Pouco antes de o Cura d’Ars terminar sua carreira tão cheia de méritos, a Virgem Imaculada apareceu em outra região da França a uma jovem humilde e pura, para comunicar-lhe uma mensagem de oração e penitência, cuja imensa ressonância espiritual é bem conhecida há um século. (Carta Encíclica *Sacerdoti Nostri Primordia*, 1959).

Ao observar a vida de São João Maria, vê-se a grande devoção e piedade filial que devotava ao Imaculado Coração da Santíssima Virgem. Era uma devoção viva que emanava de seu coração à Imaculada Conceição; ele, que já em 1836 havia consagrado a sua paróquia a Maria concebida sem pecado e que com tanta fé e alegria aceitou a definição dogmática de 1854. Sempre recorrerá àquela que o acompanhará em sua lutas contra as investidas e ataques do demônio, com quem travará intensa lutas na defesa de sua paróquia e de suas ovelhas.

Através do exemplo e da influência de Maria, chega uma hora na vida do sacerdote em que ele se dá conta de não pertencer à família, à paróquia, à diocese, ao país. Pertence às missões e ao mundo; pertence à humanidade. Quanto mais perto chegar o sacerdote da missão de Cristo, mais amará cada alma do mundo. Assim como Maria se tornou Mãe de todos os homens ao pé da Cruz, assim também o sacerdote se torna pai deles. (SHEEN, 2018, p. 289).

O Santo Cura d’Ars sempre lembrava aos seus fiéis que Jesus Cristo, nos deu o que de maior podia nos ter dado: a salvação, e não satisfeito nos dá sua mãe aos pés da cruz, fazendo-nos também herdeiros de sua Santíssima Mãe. (cf. Jo19, 26-27).

Desde pequeno seu coração fora conquistado pela Mãe de Deus. Na sua jornada pelos austeros caminhos para chegar ao sacerdócio tinha ao seu lado a cálida presença da Mãe. Em Ars, logo dedicou-se à restauração de sua Igreja e construiu-lhe um altar de honra digno a Nossa Senhora.

O Cura d’Ars queria honrar à Virgem segundo os desejos de seu coração e concebeu a ideia de construir uma capela lateral à ela dedicada. Os trabalhos foram começados com grande atividade em janeiro de 1820. A 6 de agosto, festa do padroeiro do lugar, estavam terminados (...) Pe. Vianney sentiu grande atrativo por aquele canto sossegado e quase escondido da igreja. (TROCHU, 2018, p. 154-155).

Ele nunca abandonou a Mãe e a Mãe nunca o abandonou em sua missão. Um sacerdote que se deixa guiar por Maria nunca perderá o caminho do céu, mas a ele se dirigirá e conduzirá suas ovelhas. Dizia o Santo: “O coração dessa boa mãe é só amor e misericórdia; só deseja nos ver felizes. Basta que nos voltemos para ela para sermos atendidos (...) A devoção à Santa Virgem é suave, doce, nutritiva” (CURA d’Ars, 2019, p. 28;29). Sheen comenta:

O sacerdote tem um profundo amor por Maria, não só em seus melhores momentos, mas até mesmo em seus fracassos. Confia na intercessão dela para combater as próprias fraquezas. Então, principalmente, ele busca a atenção especial dela, sabendo que o filho que mais cai é o que mais beijos recebe da mãe. (2018, p. 287-288).

O sacerdote é o filho amado de Nossa Senhora. Ele pertence a ela, pois ele é o próprio Cristo aqui na terra e ela tem especial cuidado por seus filhos prediletos.

São João Maria viveu toda sua vida em intenso aroma de santidade que acabou atraindo para Ars milhares de peregrinos em busca de conforto para suas angústias físicas e emocionais. Aos poucos a divulgação de seus milagres foram se espalhando e toda a França se voltou para o pequeno povoado mudando completamente o modo de vida simples a que estavam acostumados.

O santo padre indignava-se com a fama que corria de boca em boca, enquanto os milagres se multiplicavam cada vez mais. “A partir de 1826, um fluxo contínuo de

peregrinos se dirigia a Ars. Até sua morte, o Cura viria a ser assediado por milhares de homens e mulheres que vinham buscar junto dele o perdão de Deus e razões para ter esperança”. (JOULIN, 2009, p. 82)

Segundo Joulin “ Nos últimos quinze anos de sua vida, ele atendeu confissões de doze a quinze horas por dia”. (2009, p. 82-83). O pobre Cura tornou-se prisioneiro do confessionário para levar alívio e conforto às almas ávidas de consolo e cansadas que afluíam em busca de seus conselhos. Sempre acolhidos pelo santo padre, voltavam revigorados para casa pois nunca ficavam sem uma resposta para suas incertezas e angústias. Joulin relata:

Até 1840, os peregrinos eram, quase todos, da região lionesa. Podiam ir e voltar no mesmo dia. Entretanto, à medida que crescia a fama daquele que já começavam a chamar de ‘o Santo de Ars’, mais e mais pessoas, e cada vez de regiões mais distantes, chegavam à aldeia para vê-lo. Já era necessário esperar não horas, mas dias inteiros, para o tão desejado encontro. (2009, p. 83).

Esta situação acabou preocupando as autoridades de Ars, pois a mesma não tinha estrutura para receber os peregrinos que se amontoavam aqui e ali onde conseguiam um local para passar a noite. Começou assim surgir com autorização do santo, os primeiros hotéis para acolher os visitantes.

João Maria Vianney preocupava-se com a situação, como também Prosper des Garets, prefeito de Ars desde 1838 (...) Diante da situação, o Cura concordou com o projeto de um arrendatário do Castelo, Felipe Mortier, que instalou o primeiro hotel de verdade em Ars – o Hotel Nossa Senhora das Graças - e encorajou André Pertinand a abrir um restaurante na casa dos pais. (JOULIN, 2009, p. 83-84).

Assim a rotina da pequena Ars foi completamente alterada para que se acolhesse dignamente os visitantes. Enquanto isso o santo se via cada vez mais preso ao confessionário dando alívio às almas que ali se refugiavam. Os milagres se multiplicavam apesar do padre querer negá-los e dar o mérito dos mesmos à sua querida e amada Santa Filomena de quem era devoto e construía uma Capela em sua homenagem. Era, portanto, a ela que ele atribuía todos os milagres ocorridos ali. Relata Hunermann sobre a cura de uma muda:

Minha filha, os remédios dos médicos já não a ajudam mais. A Sra. tomou demais. Mas Deus quer curá-la. Recorra a Santa Filomena. Ponha a sua lousa sobre o altar e diga-lhe que se não puder lhe restituir a voz, deverá dar-lhe a dela. Sou eu, o seu vigário que ordeno assim. (...). A muda dirigiu-se para a igreja, incontinente, procurando o altar da santa. (...) E de repente ouviu-se um grito: ‘Esquecei a mim, mas curai o padre!’ O milagre acontecera. A mulher estava curada. (1962, p. 249).

Estes milagres e muitos outros ocorriam todos os dias. Eram curas físicas e espirituais. Ele tinha conhecimentos sobrenaturais sobre o futuro e o passado. Ninguém que se aproximava dele saía sem uma resposta. A própria vida do sacerdote era um verdadeiro milagre, pois aguentava horas a fio no confessional não tendo tempo para descansar, o que acabou abalando muito a sua saúde. O que o sustentava era a graça de Deus e o seu amor ao ministério. Diz Trochu:

Pode-se dizer que o servo de Deus ali se crucificou livremente. Foi um 'mártir da confissão', conforme as palavras de uma testemunha de sua vida. Bem poderia ter fugido dos pecadores, se retirado a um claustro ou ao deserto, mas por amor às almas permaneceu no seu posto. (2018, p. 423).

Neste odor de santidade o padre não deixava ou descuidava de seus penitentes. Sua santidade exalava por onde passava e os milagres se intensificavam diariamente. Eram grandes as conversões ocorridas mesmo nos corações mais empedernidos. "Os corações aflitos, os corações feridos pela morte de pessoas queridas, achavam amável acolhida no seio do bom Pai" (TROCHU, 2018, p. 385).

Ser santo para São João foi um caminho percorrido ao longo dos anos. Ele como todo mundo teve que lutar para vencer as tentações. E como se santificou, nas mortificações e renúncias!

João Maria foi primeiramente um menino piedoso, um jovem, um seminarista, um sacerdote exemplar. (...). Foi pelo ano de 1844 ou 1845 que o Cura d'Ars se elevou ao auge da santidade. Parecia ter-se então tornado um ente sobrenaturalizado, e não ter nada mais de humano a não ser o sofrimento. Alcançou aquele grau heroico, que é supremo esforço da natureza sustentada pela graça... A virtude era nele uma segunda natureza (...) Nele não havia nada de monótono, nada de rotineiro, mas uma atenção contínua de espírito e de coração para cada um dos seus grandes deveres. (TROCHU, 2018, p. 391).

O santo Vianney dizia sobre a importância e o valor do sacerdote, ministro de Deus e da Eucaristia, pastor e guia do povo de Deus, aquele que pode levar a salvação aos seus fieis:

Vejam o poder que tem o padre! A língua do padre faz de um pedaço de pão um Deus! É mais do que criar um mundo (...) Alguém perguntou outro dia: Santa Filomena obedece ao Cura d'Ars? É claro que ela pode obedecer-lhe, pois Deus lhe obedece (...). O sacerdote é o amor do coração de Jesus. Quando virem um padre, pensem em Nosso Senhor Jesus Cristo. (CURA d'Ars, 2019, p. 50-51).

Para ele o padre é o próprio Cristo aqui na terra. Aquele que pode trazer o Senhor até nós em Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

O santo cura de Ars viveu 73 anos. Faleceu no dia 04 de agosto de 1859, em grande essência de santidade. No dia 8 de janeiro de 1905, foi beatificado por Pio X. Foi canonizado no dia 31 de maio de 1925 pelo Papa Pio XI, e seu corpo incorrupto descansa no Santuário de Ars. Pio XI, em 1929, declarou-o patrono dos párocos.

Nada parece mais oportuno do que dar a todos os pastores o exemplo daquele santo homem, a quem a Igreja elogia pelo seu distinto papel no desempenho do ofício paroquial... Em consulta com o Cardeal Camilo da Santa Igreja Romana, Laurentius, diácono de Santa Maria Seaiaris, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, com seu próprio conhecimento e deliberação madura, e sobre a plenitude de nosso posto apostólico. Homem apostólico e pastor de uma pequena cidade. Ela foi chamada de arte, nós nomeamos e declaramos o santo padroeiro celestial de todos os pastores ou curadores de toda a cidade e do mundo. (Carta Apostólica ANO DE JUBILEU *Anno Iubilari*, 1929).

Em 16 de junho de 2009, o papa Bento XVI publicou a carta para a convocação do ano sacerdotal por ocasião dos 150 anos da sua morte, declarando assim a grande importância do exemplo de santidade do Cura d'Ars.

“São João Maria Vianney, rogai por nós! “

CONCLUSÃO

A vocação sacerdotal de São João Maria Vianney leva a uma reflexão intensa de como o santo conseguiu, através do seu sacerdócio reavivar nos corações um amor intenso e devoto a Cristo e à sua Igreja. A sua vida sacerdotal, foi como uma grande luz num período em que a Igreja sofria perseguições, na França. E, sacerdotes e religiosos foram arrastados ao cadafalso por propagarem a fé em Jesus Cristo. Neste momento de dificuldades, a Igreja poderia ter sido massacrada, mas a fé sobrevive, e de uma pequena aldeia, surge um forte baluarte, que reacenderá a esperança e a fé nos corações sofridos.

Foi possível conhecer a vida de São João Maria Vianney, e o seu sacerdócio que se assemelha ao sacerdócio de Cristo. São João Maria foi visto como homem temente a Deus, que dedicou sua vida a exercer seu ministério com total desvelo. Observa-se que a diligência do santo, foi caminho para muitas conversões e transformações na França no sec. XVIII, a ação sacerdotal do humilde padre, contribuiu para o fortalecimento da Igreja. Foi notório o completo devotamento do Cura d'Ars, para santificação das pessoas que peregrinavam a Ars, para se confessar com ele e encontrar consolo para a alma.

Ainda hoje deve-se tomar seu exemplo de santidade e dedicação à Santa Igreja que enfrenta situações adversas em sua caminhada neste momento de profundas transformações e perseguições. O Santo Vianney nos mostra que o caminho para a Igreja está no sacerdote, o Cristo aqui na terra. Se cada sacerdote assumir seu compromisso de amor “ágape”, poderemos ver a Igreja se fortalecer e vencer os obstáculos que se lhe estende diante dela.

O sacerdote não pode esquecer que ele, somente ele, é capaz de dar o próprio Cristo. E ainda que nele os fiéis buscam refrigério e força. Ele é um baluarte, uma forte base da igreja.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral de 5 de agosto de 2009: São João Maria Vianney*. Vaticano, 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090805.html. Último acesso em 29/10/2021.

BENTO XVI, Papa. *Carta do sumo pontífice Bento XVI para a proclamação de um Ano Sacerdotal por ocasião dos 150º aniversário do Dies Natalis do Santo Cura D'ars*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2009/documents/hf_ben-xvi_let_20090616_anno-sacerdotale.html/ Último em aceso em: 29/10/2021.

BENTO XVI, Papa. *Deus caritas est*. 11. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2018.

BENTO XVI, Papa. *Viagem Apostólica à Polônia: Encontro com o Clero na Catedral de São João de Varsóvia* (25 de maio de 2006) https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060525_poland-clergy.html Último acesso: em 20/11/2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CURA D'ARS. *Catequeses/ Cura d'Ars*: Campinas, SP: Ecclesiae, 2019.

FREYMAN, Padre Paulo S.V.D. *Pensamentos escolhidos do Cura d'Ars*. Juiz de Fora, MG: Castela, 2017.

GHÉON, Henri. *O Cura D'Ars*. São Paulo, SP: Quadrante,1986.

HUNERMANN, Wilhelm. *O Santo e o Seu Demônio: Vida do pobre Cura de Ars*. Juiz de Fora, MG: Lar Católico, 1962.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html Último acesso: 20/11/2021.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta Encíclica Sacerdoti Nostri Primordia*. Vaticano, 1959. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_19590801_sacerdotii.html Último acesso: 22/10/2021.

JOULIN, Marc. *João Maria Vianney: o cura d'Ars*. 6. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2009.

PIO XI, Papa. Carta Apostólica ANO DE JUBILEU Anno Iubilari /23 de abril de 1929
Disponível: https://www.vatican.va/content/pius-xi/la/apost_letters/documents/hf_p-xi_apl_19290423_anno-iubilari.html acesso: 18/11/2021

SARAH Cardeal Robert, BENTO XVI, Papa (colaboração). *Do profundo do coração*.
1. ed. São Paulo, SP: Edições Fons Sapientiae, 2020.

SHEEN, Fulton Jonh. *O Sacerdote não se pertence*. São Paulo, SP: Molokai, 2018.

TROCHU, Francis. *O Santo Cura d'Ars*. Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2018.